

## CIRCULAR NR.2

A ESTREIA DO FILME "DOM ROBERTO", DE ERNESTO DE SOUSA

A ESTREIA

O filme de Ernesto de Sousa "Dom Roberto", co-produzido pela Cooperativa do Espectador com a participação financeira de todos os que nele trabalharam; co-produção também da distribuidora Imperial Filmes, acaba de ser estreado, durante quatro semanas, em Lisboa, nos cinemas Império e Capitólio. A noite de estreia, em 30 de Maio do ano corrente, assumiu foros de acontecimento sensacional. Com efeito, não obstante se terem evitado as habituais "borlas" das estreias dos filmes portugueses (tendo-se organizado uma ante-estreia para os trabalhadores e figurantes do filme); com a vasta lotação do Império esgotada (tendo ficado cerca de 500 pessoas sem bilhete); e com a percentagem elevada de jovens entre a assistência - a ovação final, que se prolongou durante vários minutos, aos gritos de "bravo" e "obrigado" dirigidos aos intérpretes, técnicos e realizador, constituiu o primeiro sintoma de que, de facto, acabava a indiferença pelo cinema português, era o fim do marasmo... Isto é sintetizado por uma testemunha do acontecimento, Rodrigo M. Sá Conde, um dos jovens colaboradores do "Diário Lisboa Juvenil", (23/VI/62) quando afirma:

"A sala do Império estava cheia. Mas não do público habitual. Agora era diferente. Público jovem, livros debaixo do braço, um ar decidido... No fim, houve palmas. Para ser diferente em tudo, até final. ... Também eu, apertei os livros e os cadernos debaixo do braço..."

O PRIMEIRO CHOQUE

O choque que se seguiu, com o grande público, a juventude e a crítica, são significativos. Um facto a assinalar foi a assistência em massa daquela parte do público que, de uma forma ou outra, se encontrava em medida de mais fácil identificação com o meio social dos personagens. Pelo contrário a adesão da classe média foi muito mais variada e divergente, e vai desde as pessoas que escreveram cartas de aplauso e carinho até às que protestam queixando-se de que os personagens estavam "mal vestidos"(sic), ou que, "para miséria já bastavam os filmes italianos"... Em alguns casos chegou-se quase ao insulto pessoal (revistas "Celuloi-

de" e "Agora"). Mas foi no meio estudantil, entre os intelectuais e junto da crítica que as reacções revestiram um aspecto polémico, de grande vivacidade. A importância desta acesa discussão, que passou dos cafés universitários para a grande imprensa, abriu uma perspectiva nova no nosso meio, habituado à aceitação passiva dos acontecimentos relativos à produção cinematográfica nacional. A busca minuciosa dos defeitos do filme, por uma parte dos seus comentadores e a demonstração das suas reais qualidades por parte de outros, assim como a afirmação da sua importância por escritores e outras personalidades, são e continuam a ser, factor de vitalidade. O que é confirmado por um dos críticos (J.J., em "Flama" e "Novidades", 16/VI/62):

"...aponte-se desde já, que conseguiu uma inovação: a de originar discussões em que foi lícito tratar-se assuntos sérios, como o problema de um abordar cinematográfico actualizado da realidade portuguesa. Como se recorda, a unanimidade de opinião foi, até aqui, uma flagrante ilustração das maleitas do cinema nacional, de crise crónica".

A EXPECTATIVA

Um dos mais constantes temas de referência (utilização para limitar, censurar ou denegrir o filme) foi a expectativa gerada à sua volta. A este respeito, já escrevia, em 6 de Setembro de 61, em pleno período de filmagens, um redactor do "Diário de Lisboa":

"Convém, no entanto, não ultrapassar certas medidas. Um cinema como uma literatura, não se cria de uma só vez, nem com uma só obra. É prestar um mau serviço a Ernesto de Sousa prever-lhe um êxito artístico completo".

É o mesmo J.J., em "Novidades", comentando as reacções actuais, na sua serena nota crítica, já citada:

"Um exame severo das apreciações escritas acerca deste filme revela a presença de elementos que dificilmente podem conduzir-se ao âmbito cinematográfico, e único, parece-nos que compete ao crítico. A título de exemplo, salientemos a censura dirigida de várias (e antagónicas) partes ao que teria sido um excesso de publicidade prévia. Não nos deteremos neste ângulo, que julgamos estranho ao mister de crítico, mas não resistimos a apontar, como referência ao exemplo citado, que um filme como "DOM ROBERTO" teria sempre a rodea-lo inevitável expectativa, com todos os riscos que esta implica".

Também Nuno Rocha (em "Távola Redonda" de Julho de 62) se refere aos críticos que se "entretiveram, com uma inconsciência formativa surpreendente, trágica e lastimável, a encontrar os pequenos defeitos de uma obra que representa uma idade na vida do cinema nacional".

## POLEMICAS E CONTROVERSAS

Mas de todas as críticas e atitudes, o que releva é o seu carácter polémico. Assim, desde um Artur Portela Filho ("Jornal do Fundão", 17/VI/62) que para apoiar a sua afirmação de um malogro, insinua que na estreia havia "mãos cheias de crianças engomadas como para a primeira comunhão" (num filme aprovado para maiores de 17 anos!) a um Fernando Namora que afirma ser "DOM ROBERTO" - "um filme de dignidade e amor", na mesma página do Diário de Lisboa (5/VI/62) em que se pronunciam sobre, a importância do filme, e para lá das suas limitações, os escritores Augusto Abelaira, Joel Serrão e Tomaz Ribas, e o realizador Manuel de Guimarães e o crítico de cinema, Manuel Villaverde Cabral; desde o crítico Vaz Pereira ("Artes e Letras", 6/VI/62) que confessa já ter ido ver o filme "decidido a engulir a pilula" à escritora Maria Teresa Horta, da geração da "novíssima poesia portuguesa", que depois de enumerar aquilo porque gosta do filme, se recusa à caça aos defeitos, perguntando: "...para quê enumerá-los se já tantos tiveram o criterioso cuidado (inventando até alguns) de o fazer?"; desde as numerosas cartas e as conversas espontâneas e demoradas em todos os locais de reunião até aos frequentes depoimentos, entrevistas e colóquios solicitados ao realizador - tudo indica que foi rasgada a polémica do cinema português, "agora segundo uma nova perspectiva" como afirma Eduardo do Prado Coelho, outro dos jovens colaboradores do "Diário de Lisboa". São de resto estes jovens escritores que nos fornecem uma síntese, talvez a mais esclarecedora sobre esta polémica, na sua fase actual, e a importância concreta do filme, tendo em conta todos os defeitos, discutíveis, indiscutíveis, de técnica mecânica ou artísticos, enumerados, vistos e revistos: E Rodrigo M. Sá Conde (já citado):

"Mas sucedeu-me com este "Dom Roberto" crivado de defeitos um caso que há muito não sentia: senti-me feliz. Não me perguntem porquê. Não saberia como responder. Certos filmes formalmente impecáveis, com todas as condições técnicas satisfeitas, dão-me uma sensação de desgosto. Parece que ter assistido a eles me confere, só por isso, uma situação de cumplicidade nada confortável... Pelo contrário, "DOM ROBERTO" agradou-me."

E ainda Eduardo do Prado Coelho que sintetiza:

"DOM ROBERTO" não é um bom filme, mas é um filme extraordinariamente belo!"

E conclui:

"...(é) qualquer coisa de novo em relação ao cinema português que tenho conhecido, não o poderemos negar. É um gópro de lirismo e de fraternidade a que estávamos desabitoados, que faz que, como escreveu Mário Dionísio, "em voz baixa cantemos o hino das horas aparentemente mortas".

UM BALANÇO PARA O FUTURO

Outros se pronunciaram pró e contra. Bastantes se limitaram a fazer a crítica à expectativa, em vez de a fazerem ao filme (atitude "anti-crítica", como a classifica o crítico J.J., já citado). Alguns especulam, prematuramente, sobre a carreira comercial do filme; outros queriam que êle fosse "a carta de alforria de toda uma geração" (o que, de acordo com este crítico "parece pouco justo em relação à pessoa visada e excessivamente tolerante (e cómodo) em relação à geração). A discussão está longe de terminar, mas de um modo geral se pode dizer que é agora, depois de eclodirem os primeiros aplausos, as primeiras decepções, uns e outras apaixonados, que se começa a "partir à descoberta do filme" - como se disse num debate no Cine-Clube Imagem. A descoberta do que ele é, em vez daquilo que alguns desejariam que ele fosse. Essa descoberta levará tempo e terá novas oportunidades quando, no início da próxima época se re-iniciar a carreira do filme em todo o país e no estrangeiro. Entretanto, a primeira batalha está ganha, a do fim da indiferença.

Acrescentemos à guisa de conclusão, o comentário de uma revista popular, circunstância significativa e que nos permitimos sublinhar. Com efeito, "Barraca - humor para gente séria", no seu número de Junho, publica a seguinte observação, assinada pela inicial F.:

"QUE "DOM ROBERTO" FOI UMA DAS TENTATIVAS MAIS SÉRIAS DO NOSSO TEMPO PARA ERGUER O CINEMA PORTUGUES DO LODAÇAL ONDE PROLIFERAM, HÁ MUITO, AS ANEDOTAS CINEMATOGRAFICAS, SEM SÉRIEDADE, SEM HUMANIDADE E SEM VERDADE, É UM FACTO QUE NEM A INGENUIDADE DO TEMA, NEM A LENTIDÃO DA FORMA PODERÃO DESMENTIR. "DOM ROBERTO" NÃO É UM FILME FALHADO. É UMA PEDRA, A PRIMEIRA PEDRA DO GRANDE EDIFÍCIO QUE UM DIA SE ERGUERÁ PARA ATESTAR QUE A NOSSA CAPACIDADE DE FAZER CINEMA AUTÉNTICO É, PELO MENOS, TÃO GRANDE COMO A DOS OUTROS POVOS. TALVEZ NESSE DIA A PEQUENA PEDRA ESTEJA PERDIDA NO MEIO DOS CUBOS ELOCOS. MAS SEM ESSE PEQUENO CALHAU A CONSTRUÇÃO NÃO TERIA SIDO POSSÍVEL. ISSO É O QUE INTERESSA, PARA ALÉM DA CRÍTICA OCASIONAL FEITA À OBRA DE ERNESTO DE SOUSA".